

António Machado (1875-1939)

Dez Poesias

I

É uma tarde cinzenta e que definha
decomposta, como a alma minha;
e essa velha angústia
que habita minha usual hipocondria.
A causa desta angústia não consigo
nem vagamente compreender sequer;
mas lembro e, recordando, digo:
- Sim, eu era menino, e tu, minha companheira.
E não é verdade, dor, eu te conheço,
tu és nostalgia da vida boa
e solidão de coração sombrio,
de barco sem naufrágio e sem estrela.

*Es una tarde cenicienta y mustia
destartalada, como el alma mía;
y es esta vieja angustia
que habita mi usual hipocondría.
La causa de esta angustia no consigo
ni vagamente comprender siquiera;
pero recuerdo y, recordando, digo:
- Sí, yo era niño, y tú, mi compañera.
Y no es verdad, dolor, yo te conozco,
tú eres nostalgia de la vida buena
y soledad de corazón sombrio,
de barco sin naufrágio y sin estrella.*

II

Como cão esquecido que não tem
rastro nem olfato e erra
pelos caminhos, sem caminho, como
o menino que na noite de uma festa
se perde entre o gentio,
e o ar poeirento, e os candeeiros
chispantes, atônito, e assombra
seu coração de música e de pena;
assim vou, bêbado melancólico,
violonista lunático, poeta
e pobre homem em sonhos,
sempre buscando a Deus entre a névoa.

*Como perro olvidado que no tiene
huella ni olfato e yerra
por los caminos, sin camino, como
el niño que en la noche de una fiesta
se pierde entre el gentío
y el aire polvoriento, y las candelas
chispeantes, atónito, y asombra
su corazón de música y de pena;
así voy, borracho melancólico,
guitarrista lunático, poeta
y pobre hombre en sueños,
siempre buscando a Dios entre la niebla.*

III

Pégasos, lindos pégasos,
cavalinhos de madeira.
Eu conheci, sendo menino,
a alegria de dar voltas
sobre um corcel encarnado
em uma noite de festa.
No ar poeirento
chispavam os candeeiros
e a noite azul ardia,
toda semeada de estrelas.
Alegrias infantis
que custam uma moeda
de cobre, lindos pégasos,
cavalinhos de madeira.

*Pegasos, lindos pegasos,
caballitos de madera.
Yo conocí, siendo niño,
la alegría de dar vueltas
sobre um corcel colorado
en una noche de fiesta.
En el aire polvoriento
chispeaban las candelas,
y la noche azul ardía,
toda sembrada de estrellas.
Alegrías infantiles
que cuestan una moneda
de cobre, lindos pegasos,
caballitos de madera.*

IV

A Saeta

*Quem me empresta uma escada
para subir ao empeno,
para tirar os cravos
de Jesus, o Nazareno.*

Oh, a saeta, o cantar
a Cristo dos ciganos,
o sangue nas mãos e nos panos,
sempre por desencravar!
Cantar do povo andaluz,
que em todas as primaveras
anda pedindo escadas veras
para subir na cruz.
Cantar da minha terra e valia
Que atira seus florais
Ao Jesus da agonia
E é a fé de meus ancestrais!
Ah, tu não és o meu cantar!
Não posso cantar nem quero
a esse Jesus do madeiro,
e sim ao que andou no mar!

La Saeta

*Quién me presta una escalera
para subir al madero,
para quitar los clavos
a Jesús, el Nazareno?*

*Oh, la saeta, el cantar
al Cristo de los gitanos,
siempre con sangre en las manos,
siempre por desenclavar!
Cantar del pueblo andaluz,
que todas las primaveras
anda pidiendo escaleras
para subir a la cruz!
Cantar de la terra mía,
que echa flores
al Jesús de la agonía
y es la fe de mis mayores!
Oh, no eres tú mi cantar!
No puedo cantar, ni quiero,
a ese Jesús del madero,
sino al que anduvo en el mar!*

V

Ontem sonhei que via
A Deus, e que Deus falava;
E sonhei que Deus me ouvia...
Depois, sonhei que sonhava.
De noite sonhei que ouvia
a Deus, gritando-me: Alerta!
Logo era Deus quem dormia
e eu lhe gritava: Desperta!

*Ayer soñé que veía
a Dios y que a Dios hablaba;
y soñé que Dios me oía...
Después, soñé que soñaba.
Anoche soñé que oía
a Dios, gritandome: Alerta!
Luego era Dios quien dormía,
y yo le gritaba: Despierta!*

VI

Caminhante, são teus rastros
o caminho, e nada mais;
caminhante, não há caminho,
faz-se o caminho ao andar.
Ao andar, se faz o caminho,
e ao volver a vista atrás,
vê-se a senda que nunca
se há de voltar a pisar.
Caminhante, não há caminho,
apenas rastros de espuma no mar.

*Caminante, son tus huellas
el camino, y nada más;
caminante, no hay camino,
se hace el camino al andar.
Al andar se hace camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante, no hay camino,
sino estelas en la mar.*

VII

Noite de Verão

Em uma noite de verão
- estava aberto o balcão
e a porta de minha casa –,
a morte em minha casa entrou.
Foi-se achegando ao seu leito
- nem sequer me olhou -,
com uns dedos mui finos,
algo muito tênue rompeu.
Silenciosa e sem me olhar,
a morte outra vez passou
diante de mim. “Que fizeste”?
A morte não respondeu.
Minha menina restou tranquila,
doído meu coração.
Ai, o que a morte rompeu
era um fio entre os dois.

Noche de Verano

Una noche de verano
– estaba abierto el balcón
y la puerta de mi casa –,
la muerte en mi casa entró.
Se fue acercando a su lecho
– ni siquiera me miró –,

*con unos dedos muy finos,
algo muy tenue rompió.
Silenciosa y sin mirarme,
la muerte otra vez pasó
delante de mí. "¿Qué has hecho?"
La muerte no respondió.
Mi niña quedó tranquila
dolido mi corazón.
¡Ay, lo que la muerte ha roto
era un hilo entre los dos!*

VIII

A um olmo seco

De um olmo velho, fendido pelo raio
e pela metade aprodrecido,
com as chuvas de abril e o sol de maio
algumas folhas verdes lhe têm saído.
O olmo centenário na colina
que roça o Douro! Um musgo amarelento
mancha-lhe a casca argentina
no tronco carcomido e poeirento.
Não será como os álamos cantores
que guardam o caminho da ribeira,
habitados por rouxinóis de pardas cores.
Exércitos de formigas em fileira
por ele vão trepando, e em suas entranhas
urdem suas telas cinzas as aranhas.
Antes que te derribe, olmo sobranceiro,
com seu machado o lenhador, e o carpinteiro
te converta em arcabouço e garra de sino,
vara de carro ou jugo de parelha;
antes que, rubro na lareira, e já pequenino,
ardas em mísera casinha sem cravelha,
à margem de um caminho;
antes que te arranque um torvelinho
e rompa o sopro das terras brancas,
antes que o rio até o mar te empurre,

por vales e barrancas,
quero anotar, olmo, em meu livreto,
a graça de tua ramagem verdecida.
Meu coração espera,
também, face à luz e face à vida,
outro milagre da primavera.

A un olmo seco

*Al olmo viejo, hendido por el rayo
y en su mitad podrido,
con las lluvias de abril y el sol de mayo
algunas hojas verdes le han salido.
¡El olmo centenario en la colina
que lame el Duero! Un musgo amarillento
le mancha la corteza blanquecina
al tronco carcomido y polvoriento.
No será, cual los álamos cantores
que guardan el camino y la ribera,
habitado de pardos ruiseñores.
Ejército de hormigas en hilera
va trepando por él, y en sus entrañas
urden sus telas grises las arañas.
Antes que te derribe, olmo del Duero,
con su hacha el leñador, y el carpintero
te convierta en melena de campana,
lanza de carro o yugo de carreta;
antes que rojo en el hogar, mañana,
ardas de alguna mísera caseta,
al borde de un camino;
antes que te descuaje un torbellino*

*y tronche el soplo de las sierras blancas;
antes que el río hasta la mar te empuje
por valles y barrancas,
olmo, quiero anotar en mi cartera
la gracia de tu rama verdecida.
Mi corazón espera
también, hacia la luz y hacia la vida,
otro milagro de la primavera.*

IX

Sobre a areia limpa, no tartésio¹ plano,
onde acaba Espanha e segue o mar,
há dois homens que apoiam a cabeça na mão;
um dorme e o outro parece meditar.
Um, em manhã de tibia primavera,
junto ao mar tranquilo,
pôs, entre seus olhos e o mar que reverbera,
as pálpebras, que desvanecem o mar na pupila.
E dormiu, e sonha com o pastor Proteu,
que sabe os rebanhos marinhos guardar;
e sonha que lhe chamam as filhas de Nereu,
e ouviu os cavalos de Poseidon falar.
O outro mira a água. Seu pensamento flutua:
filho do mar, navega, ou se põe a voar?
Seus pensamentos são como voo de gaivota,
que viu um peixe de prata na água saltar.
E pensa: “Essa vida é uma ilusão marinha,
a de um pescador que um dia não pode mais pescar”.
O sonhador viu que o mar se lhe ilumina,
e sonha que a morte é uma ilusão do mar.

¹ Região dos tartésios, povo hispânico da região andaluza, anterior à conquista romana.

*Sobre la limpia arena, en el tartesio llano
por donde acaba España y sigue el mar,
hay dos hombres que apoyan la cabeza en la mano;
uno duerme, y el otro parece meditar.
El uno, en la mañana de tibia primavera,
junto a la mar tranquila,
ha puesto entre sus ojos y el mar que reverbera,
los párpados, que borran el mar en la pupila.
Y se ha dormido, y sueña con el pastor Proteo,
que sabe los rebaños del marino guardar;
y sueña que le llaman las hijas de Nereo,
y ha oído a los caballos de Poseidón hablar.
El otro mira al agua. Su pensamiento flota:
hijo del mar, navega? o se pone a volar?
Su pensamiento tiene un vuelo de gaviota,
que ha visto un pez de plata en el agua saltar.
Y piensa: "Esta vida es una ilusión marina
de un pescador que un día ya no puede pescar."
El soñador ha visto que el mar se le ilumina,
y sueña que es la muerte una ilusión del mar.*

X

Retrato

Minha infância são recordações de um pátio de Sevilha
e um horto claro onde amadurece o limoeiro.
Minha juventude, vinte anos em terras de Castilha;
minha história, alguns casos que recordar não quero.
Adoro a formosura e, na moderna estética,
cortei as velhas rosas do horto de Ronsard.
Mas não amo os enfeites da atual cosmética,
Não sou uma ave dessas, do novo *gay*-trinar.
Sou clássico ou romântico? Não sei. Quisera deixar
meu verso, como deixa o capitão a sua espada:
Famosa pela mão viril que a brandisse,
não pelo douto ofício do forjador apreciada.
Converso com o homem que sempre vai comigo
- quem fala só espera falar a Deus um dia -;
meu soliloquio é conversa com esse bom amigo
que me ensinou o segredo da filantropia.
E, ao cabo, nada vos devo; deveis-me o quanto tenho escrito.
Ao meu trabalho acudo, com meu dinheiro pago.
O traje que me cobre e a casa em que habito,
o pão que me alimenta e o leito onde durmo e divago.
E quando chegar o dia da última viagem,
e esteja para partir a nave que não há de voltar,
me encontrareis leve de equipagem,
quase nu, como os filhos do mar.

Retrato

*Mi infancia son recuerdos de um patio de Sevilla
y un huerto claro donde madura el limonero.
Mi juventud, veinte años em tierra de Castilla;
mi historia, algunos casos que recordar no quiero.
Adoro la hermosura, y en la moderna estética
corté las viejas rosas del huerto de Ronsard.
Mas no amo los afeites de la actual cosmética,
no soy un ave de esas del nuevo gay-trinar.
Soy clásico o romântico? No sé. Dejar quisiera
mi verso, como deja el capitán su espada:
famosa por la mano viril que la blandiera,
no por el docto ofício del forjador preciada.
Converso con el hombre que siempre va conmigo
- quien habla solo espera hablar a Dios un día -;
mi solilóquio es plática com esse buen amigo
que me enseñó el secreto de la filantropía.
Y al cabo, nada os debo; debéisme cuanto he escrito.
A mi trabajo acudo, com mi dinero pago.
El traje que me cubre y la mansión que habito,
el pan que me alimenta y el lecho en donde yago.
Y cuando llegue el dia del último viaje,
y esté al partir la nave que nunca ha de tornar,
me encontrareis a bordo ligero de equipaje,
casi desnudo, como los hijos de la mar.*